

Estrutura urbana de Évora: um percurso pelo Centro Histórico

**Maria Domingas Simplício -Universidade de Évora - Departamento de Geociências
domingas@uevora.pt**

Introdução

Nesta comunicação, que se enquadra na área temática “*Património*” e é consubstanciada sob a forma de *poster*, procede-se a uma breve caracterização da estrutura urbana do Centro Histórico de Évora (CHE) e dos aspetos mais relevantes da sua evolução até à atualidade, marcada pela relevância que aquele continua a evidenciar, em particular num contexto de incremento da procura turística da cidade, que não pode dissociar-se da classificação do CHE como Património Cultural da Humanidade.

Na segunda parte da comunicação, e tendo presente os traços essenciais da estrutura urbana e funcional do CHE, procede-se à formulação da proposta de um percurso pedonal através do qual se pretende proporcionar, de forma despreziosa, uma perceção geral, mas coerente, de alguns dos mais significativos elementos marcantes dessa estrutura, assentes não apenas na vertente monumental, mas principalmente em particularidades da malha urbana que refletem o longo processo de evolução histórica da cidade.

Estrutura urbana do Centro Histórico de Évora: breve caracterização

A fundação de Évora remonta a um período anterior à ocupação romana adquirindo, a cidade, nesta época uma importância regional assinalável tendo ficado, deste período áureo para o desenvolvimento da cidade, alguns vestígios que ainda persistem, sendo um dos principais o Templo Romano, elemento marcante do centro social da cidade - a Acrópole.

Os domínios visigótico e árabe, que se sucederam à queda do Império Romano, terminaram em 1165, quando a cidade foi integrada na coroa de D. Afonso Henriques. Durante todo este longo período, de que poucos testemunhos ficaram, Évora manteve-se um centro económico e militar importante, mas a sua importância cultural decaiu bastante.

O primeiro monarca português converteu a cidade num centro estratégico e político importante, mas até ao séc. XIV a urbe confinou-se ao interior da cerca velha (de fundação romana), sendo a Mouraria e a Judiaria as primeiras comunidades que se instalaram nos arrabaldes e cujas especificidades da respetiva estrutura urbana ainda hoje são perceptíveis.

Mas, se a partir daqui o prestígio da cidade, em termos nacionais, continua a ser notório, o século XVI constitui o culminar dessa época de riqueza e importância política, económica, cultural e artística já que aqui se instalou a corte por longos períodos originando a construção do Paço Real, de palácios e casas solarengas, conventos, igrejas, colégios e outros edifícios notáveis. Nessa época, a estrutura urbana da cidade caracteriza-se pelo atenuar da separação entre os setores interiores e exteriores à Cerca Velha, constituindo-se, cada vez mais, a Praça Grande (hoje, do Giraldo) como principal núcleo de concentração da atividade urbana.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII diminuiu a construção de edifícios de carácter monumental, mas grande parte do casario popular antigo foi renovado e substituído por edifícios de maiores dimensões, o que se traduziu numa densificação da ocupação do espaço, podendo afirmar-se que a malha urbana anteriormente traçada, não só se manteve como a fisionomia de grandes áreas da cidade atual remonta àquela época (século XVIII).

No final do século XIX encontrava-se preenchida, quase na totalidade, a malha urbana da cidade intramuros pelo que o crescimento urbano obrigou à procura de terrenos situados fora das muralhas, enquanto ao longo do século XX algumas intervenções de renovação urbana surgem num contexto de progressiva atenção à especificidade e valor patrimonial de CHE que culminou com a sua classificação, em 1986, como Património Cultural da Humanidade.

De então para cá é permanente a preocupação com a preservação e valorização do CH, embora com limitações face aos meios disponíveis; diversos planos e programas têm vindo a ser desenvolvidos sendo o exemplo mais recente a aprovação, em julho de 2017, do projeto da

Operação de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Évora.

Estrutura urbana do Centro Histórico de Évora: um percurso para o (re)visitar

Como forma de contribuir para um melhor conhecimento do CHE e da sua estrutura urbana, propõe-se a definição de um percurso pedonal que sirva de orientação para quem o pretende (re)visitar.

Esse percurso, cuja caracterização e tradução cartográfica constam do poster apresentado, tem início no **Rossio de S. Brás**, suscetível de (poder vir a) reunir as condições para se constituir como a principal “sala de receção” ao visitante.

A entrada no CHE é feita através do **Jardim Público e Praça 1º de Maio**, que ocupam terrenos da antiga cerca do Convento de S. Francisco, permanecendo o Palácio de D. Manuel, uma parte do antigo Paço Real de Évora e a Igreja de S. Francisco.

Através das ruelas localizadas a NW, acede-se à antiga **Judiaria**, situada entre as ruas de Serpa Pinto e do Raimundo e que era nos séculos XIV e XV uma das mais importantes do reino; a Sinagoga, atualmente desaparecida, ter-se-á localizado na Travessa do Barão e era o centro da comunidade judaica.

Subindo a antiga Rua do Tinhoso (Rua da Moeda) alcança-se a **Praça do Giraldo**, a principal da cidade, pólo de desenvolvimento urbano, rodeada de edifícios com grande riqueza de elementos decorativos e local emblemático da vivência da cidade.

Percorrendo a Rua 5 de Outubro, antiga Rua da Selaria, acede-se aos Largos Marquês de Marialva e Conde de Vila Flor; esta é a área onde a cidade teve origem, constituindo o centro social da cidade romana e representa um dos mais importantes centros de atração turística, uma vez que aí se localizam **Sé**, o **Templo Romano**, o Museu Municipal.

Nas imediações a norte da Sé localizam-se as **Freirias**, denominação correspondente às áreas que D. Afonso Henriques distribuiu à Ordem Militar de São Bento de Calatrava como recompensa pelo auxílio prestado na conquista da cidade (1165). Os Freires tinham aqui as suas residências, a sua igreja e o seu hospital; nestas ruas coexistem edifícios de traça popular e outros eruditos (como o Palácio dos Condes de Basto), o que lhes confere um particular interesse.

A continuação do percurso faz-se para o **Largo dos Colegiais**, onde subsistem vestígios da muralha romana e se localizam dois importantes edifícios do século XVI, o antigo Colégio de Nossa Senhora da Purificação (atual Seminário) e o Colégio do Espírito Santo, precursor da **Universidade** fundada em 1559 pelo Cardeal D. Henrique.

Contornando pelo Norte a Cerca Velha, o percurso conduz à antiga **Mouraria**, formada pelos quarteirões onde nos séculos XIII e XIV se instalou a comunidade “mourisca”, evidenciando características próprias que se traduzem no tipo de malha urbana e na dimensão dos edifícios e na toponímia.

Conclusões

Apesar de enfrentar algumas dificuldades decorrentes de insuficiente preservação da estrutura edificada e da diminuição e envelhecimento da população residente, o CHE continua a suscitar o interesse de inúmeros visitantes, de diversificadas origens, formação e objetivos; por isso, à proposta de percurso apresentada não deve ser atribuído um caráter rígido e formal, constituindo antes um exemplo de como é possível percorrer o CHE por forma a aproveitar as potencialidades da sua riqueza patrimonial para a valorização e satisfação dos interesses e objetivos dos visitantes.

Referências

Câmara Municipal de Évora (1978/1979) - Plano Director de Évora, *Relatório nº 28*.

Simplício, M. D. (2013) A Cidade de Évora e a Relevância do Centro Histórico, in: J. A. R. Fernandes et al (coord.) *A Nova Vida dos Velhos Centros das Cidades Portuguesas e Brasileiras*, pp. 211-226 (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CEGOT)